

## A POESIA PROSAICA DE CESÁRIO VERDE

Roberto DAUD<sup>1</sup>

■ **RESUMO:** Esse artigo sobre *O Livro de Cesário Verde* (1887) está fundamentado numa comparação entre o poeta (1855-1886) e o mais prestigiado romancista de seu período, Eça de Queirós. A partir dessa leitura comparada, pretendemos demonstrar as particularidades da obra poética de Cesário Verde em relação ao seu período, procurando destacar a afinidade do nosso poeta com a prosa oitocentista. O intuito fundamental foi de chamar a atenção para a importância de Cesário Verde na formação da poesia moderna de língua portuguesa.

■ **PALAVRAS-CHAVE:** Poesia portuguesa. Cesário Verde. Modernidade.

Em poema dedicado a Cesário Verde (1855–1886), João Cabral de Melo Neto refere-se às cores vivas das maçãs cultivadas pelo poeta português em contraste com a doentia palidez de seu rosto ainda jovem. “Assim chegou aos tons opostos/ das maçãs que contou: / rubras dentro da cesta de quem no rosto as tem sem cor.” (MELO NETO, 1969, p.60). Terminando seus dias aos trinta e um anos, sem ao menos conseguir finalizar o poema “Provincianas”, Cesário Verde deixou uma obra relativamente pequena. Todavia, o curto percurso não foi determinante da duração de seu tempo poético: na história da poesia moderna de língua portuguesa ainda está para ser avaliada a decisiva aparição da brevíssima obra de Cesário Verde. As saudações de Fernando Pessoa e Manuel Bandeira, o poema de João Cabral de Melo Neto e o belíssimo “Murilograma a Cesário Verde” nos levam a reconhecer que “quase toda a poesia moderna, entre nós, depende dele.” (COELHO, 1986, p.195).

Numa primeira leitura de *O livro de Cesário Verde*<sup>2</sup> chamam a atenção em seus poemas, elaborados como uma crítica à retórica romântica, os nomes técnicos e expressões do dia-a-dia, as palavras vernáculas rimando com as estrangeiras e, sobretudo, a frase poética modelada pela sintaxe da fala. As expressões da vida cotidiana e os nomes do mundo técnico e rural fazem com que o enunciado cesário pareça “uma escrita prosaica, funcional e rude.” (MENDES, Margarida, 1979, p.57). Para Adolfo Casais Monteiro, o criador de “O sentimento dum ocidental” pode ser considerado um dos precursores da lírica moderna de língua portuguesa,

<sup>1</sup> UFU – Universidade Federal de Uberlândia. Instituto de Letras e Linguística. Uberlândia – MG – Brasil. 38408-100 – robertodaud@uol.com.br

<sup>2</sup> Cf. VERDE, 1992.

porque “quebrou o tabu que pesava sobre assuntos e palavras até então considerados não poéticos, arrancou o arame farpado que separava o pretenso mundo das coisas poéticas do verdadeiro mundo.” (MONTEIRO, 1977, p.7). Seus poemas apontam, dessa maneira, nova direção para as formas poéticas, “dando-lhes o nervo, o encanto da modernidade” (COELHO, 1986, p.192). Eduardo Lourenço chega a afirmar que, até Cesário Verde, “nunca a maré cheia da prosa tinha alagado a esse ponto a paisagem lírica portuguesa regenerando-a.” (LOURENÇO, 1991, p.975).

*O Livro de Cesário Verde* não pode ser dissociado de certos acontecimentos que marcaram a sua época, em especial a Questão Coimbrã, as Conferências do Cassino e a posterior atuação crítica e literária da Geração de 70. Sabemos que esse grupo de escritores realistas, responsável por uma ampla revisão da história da sociedade portuguesa, vai desencadear, em Lisboa, a partir de maio de 1871, uma campanha cultural que acaba por envolver todos os escritores e intelectuais da época. Para Alberto Ferreira, paralelamente “à dissolução das formas românticas”, desencadeada pela Geração de 70, é que vai nascer “o realismo poético de intenção crítica de Cesário Verde.” (FERREIRA, 1979, p.65). De fato, o criador de “O sentimento dum Ocidental” inicia-se poeticamente em 1874 com um combate ao sentimentalismo ultra-romântico: o irreverente contraste entre o estilo elevado e o prosaico e vulgar é um traço característico de seus poemas de estréia.

Cesário Verde não foi, porém, um dos poetas da famosa Geração de 70. Não há registros biográficos que possam comprovar uma intensa participação intelectual no grupo de Antero de Quental e Eça de Queirós. A crítica literária reconhece, no entanto, semelhanças entre a poesia de Cesário Verde e a prosa queirosiana. Jacinto do Prado Coelho, Dorothy Atkinson e Stephen Reckert observaram que alguns poemas, como “Num bairro moderno” (1877), têm ressonâncias na “prosa direta, irônica, ácida e violenta”<sup>3</sup> do romance realista. Para Bakhtin (1998), a partir da segunda metade do século XVIII, a crescente interação do romance com outros discursos e gêneros literários suscita um processo de prosificação da cultura. O romance vai aos poucos imprimir no discurso poético um tipo de ritmo e dicção mais próximo da oralidade.<sup>4</sup> Segundo o teórico russo, a poesia, essencialmente monológica, está situada numa direção oposta ao dialogismo da prosa. Cristóvão Tezza (2006) esclarece, a partir dessas formulações bakhtinianas, que a condição monológica do discurso poético não se restringe a uma opção pessoal a-histórica:

<sup>3</sup> “Cesário preferiu a forma prosaica, brusca, saltitante, coloquial. Criou-a para si. E somos obrigados a buscar pontos de referências na prosa contemporânea: Eça, Ramalho.” (COELHO, 1976, p.195).

<sup>4</sup> “Observam-se fenômenos particularmente interessantes na época em que o romance se estabelece como gênero predominante. Toda a linguagem é então afetada por um processo de evolução, uma espécie de criticismo de gêneros. Isto já ocorrera em alguns períodos do Helenismo, na Idade Média tardia e na Renascença, mas foi particularmente forte e claro na segunda metade do século XVIII. Na época da supremacia do romance, quase todos os gêneros resultantes, em maior ou menor grau, *romancizaram-se*.” (BAKHTIN, 1998, p.399, grifo do autor).

[...] há tempos lingüisticamente centralizadores (que poderíamos chamar tempos estilisticamente poéticos) e tempos lingüisticamente descentralizadores (que seriam tempos prosaicos, em que o forte contato entre línguas e a intensa estratificação lingüística trabalha para solapar a autoridade da voz única e centralizadora). (TEZZA, 2006, p.205).

É ainda possível perceber a identificação da poesia de Cesário Verde com a prosa romanesca quando ele adota um modo de enunciação semelhante ao da criação ficcional: em alguns poemas, como “Num bairro moderno”, o processo de enunciação não é coincidente com a identidade histórico-cultural do poeta. Como se fosse o discurso de uma personagem, a “verossimilhança” desse enunciado lírico ficcionalmente construído depende de sua conexão com a figura do pseudo-enunciador. Uma vez “quebrada” essa ilusão, perde-se também uma camada profunda de significados. Por outro lado, se a leitura levar em conta a fictícia autoria, o poema se redimensiona e passa a oferecer novas possibilidades de interpretação. Em “Num bairro moderno”, o sujeito da enunciação é um empregado do comércio, fisicamente debilitado, que, sob o sol escaldante de agosto, move-se, sem muita pressa, em direção ao trabalho. Portanto, para ler o poema, somos obrigados a adentrar no mundo da ficção e a manter o mesmo distanciamento que assumimos em relação ao discurso enunciado por um narrador-personagem.

*Rez-de-chaussée* repousam sossegados,  
Abriram-se, nalguns, as persianas,  
E dum ou doutro, em quartos estucados,  
Ou entre a rama dos papéis pintados,  
Reluzem, num almoço, as porcelanas.

Como é saudável ter o seu conchego,  
E a sua vida fácil! Eu descia,  
Sem muita pressa, para o meu emprego,  
Aonde agora quase sempre chego  
Com as tonturas duma apoplexia. (VERDE, 1992, p.116).

Esse pseudo-sujeito lírico gera uma duplicidade discursiva: são duas falas que se entrecruzam, que se negam e se criticam, sem permitir a sobreposição de uma sobre a outra: a do sujeito lírico e a da personagem poética. Da mesma forma que a relação discursiva entre o autor e o herói possibilita, segundo Bakhtin, uma representação não apenas da imagem do homem, mas da imagem de sua linguagem, grande parte da produção poética de Cesário Verde parece ser paródia de uma palavra alheia, arremedo de um outro discurso. Não apenas “Num bairro moderno”, como também “Manhãs brumosas” (1877) e “Cristalizações” (1878) parecem enunciados pela voz de um fictício sujeito lírico.<sup>5</sup> São procedimentos poéticos indicativos de

<sup>5</sup> A primitiva publicação de “Manhãs brumosas”, no *Jornal de Foz do Tejo*, em 1877, e a segunda, na

que Cesário Verde talvez estivesse querendo trilhar com a criação lírica a via do realismo moderno que a Geração de 70 havia aberto em Portugal.

Essa afinidade com a prosa também é um traço marcante da última publicação em vida de Cesário Verde. Trata-se de um extenso discurso lírico-narrativo, intitulado “Nós” (1884), com 128 quadras divididas em três partes. Na primeira, é relatado o êxodo da família do poeta para o campo provocado pelas doenças que, na época, assolavam a capital portuguesa. A segunda parte é construída uma cena em que se dá um confronto entre a saúde e a doença, a debilidade e o vigor, a vida rural e a vida urbana, a produção agrícola e a produção industrial, a natureza e a civilização e, finalmente, entre a experiência e a teoria. A terceira parte surge como um momento em que o poeta parece ter perdido o entusiasmo telúrico: a morte inesperada de um de seus irmãos, depois de terem sido elaboradas as duas primeiras partes, surpreende o poeta, levando-o a rever os propósitos iniciais de seu canto de louvor à vida rural.

Tínhamos nós voltado à capital maldita,  
Eu vinha de polir isto tranqüilamente,  
Quando nos sucedeu uma cruel desdita,  
Pois um de nós caiu, de súbito, doente.

Uma tuberculose abria-lhe cavernas!  
Dá-me rebate ainda o seu tossir profundo!  
E eu sempre lembrarei, triste, as palavras ternas,  
Com que se despediu de todos e do mundo!

Pobre rapaz robusto e cheio de futuro!  
Não sei dum infortúnio imenso como o seu!  
Viu o seu fim chegar como um medonho muro,  
E, sem querer, aflito e atônito, morreu! (VERDE, 1992, p.184).

Murilo Mendes (1985) definiu como “atuais micro-LUSÍADAS” o extenso poema de Cesário Verde, pretendendo talvez aludir à claridade meridiana e ao sentimento de conquista da terra que atravessam todas as estrofes. De fato, o poeta descreve as cenas do trabalho rural com a luminosidade própria da épica e com exatidão quase técnica. A enunciação lírica evita expressões genéricas e aponta as plantas, frutas, utensílios agrícolas e pragas da lavoura por seus nomes típicos. Os

---

revista *Renascença*, do Porto, em 1879, traziam ambas um subtítulo: “Manhãs brumosas. Versos de um inglês”. Sob a ótica desse “poeta inglês”, criado por Cesário Verde, as figuras femininas e a paisagem rural irlandesa de “Manhãs brumosas” adquirem uma outra dimensão lírica. O subtítulo torna-se, portanto, um elemento simbólico fundamental para a interpretação do poema. Contudo, a edição de *O livro* (1887), organizada por Silva Pinto, não traz esse subtítulo, que nas edições posteriores vai permanecer “esquecido”.

termos da nomenclatura agrícola, destoantes ou, pelo menos, estranhos à tradição poética, parecem adquirir o valor de imagens visuais. São palavras e expressões que, impregnadas da realidade essencial das coisas, funcionam como sedutores fetiches, chamando a atenção para si mesmas. As locuções “dedos de cabra”, “navalha de volta” ou “enxós de martelo”, entre muitas outras, além de se referirem às frutas e às ferramentas, são formas significantes que transmitem a sensação de um mundo visível e palpável.

Tem-se a impressão de que a última composição de Cesário Verde nasceu de um duplo esforço: criar uma linguagem poética identificada com as coisas, bem como descobrir a poesia das coisas “probas, úteis, dignas, boas.” (VERDE, 1992). Os nomes típicos, como se fossem uma espécie de “fala citada”, fazem adentrar no enunciado lírico as vozes do mundo camponês, com seu modo próprio de enunciação: “Como lhe luzem seixos e burgaus/ Roliços! Marinham nas ladeiras/ Os renques africanos das piteiras,/ Que como áloes espigam altos paus!” (VERDE, 1992, p.166). Contudo, é impossível desconhecer a disposição regular das estrofes, o ritmo marcante dos versos, as metáforas sintéticas e as imagens sensoriais, que definem o espaço discursivo como essencialmente poético e confirmam a predominância da voz do sujeito lírico sobre as demais. Podemos dizer que Cesário Verde aproveita poeticamente os recursos da prosa, da oralidade e da fala cotidiana, sem, no entanto, chegar a ponto de perder a força dominante da sua voz poética.

Nos últimos anos de vida, o poeta se dedicou ao trabalho com a terra, acreditando que dessa maneira poderia afugentar a sombra da morte do chão patriarcal. Embora considerasse o evolucionismo de Spencer uma “má teoria”, Cesário Verde, acaba, ainda que indiretamente, recorrendo aos seus fundamentos científicos para explicar as mortes ocorridas no interior da própria família. O poeta português estaria pronto para aceitar a teoria do evolucionismo, se não tivesse dificuldade para admitir sua validade em relação a si mesmo. Chocado talvez com a “horrrível aniquilação” do clã familiar, ele reluta em aceitar por completo as verdades do ideário spenceriano. O longo poema termina num dramático impasse: ao tentar se salvar do implacável processo de seleção, o poeta acaba, contraditoriamente, justificando seu próprio desaparecimento: “pobre da minha geração exangue de ricos!” Portanto, para melhor interpretar o significado do último poema de Cesário Verde é necessário ter em conta as vozes enunciativas do poema e a desigualdade dos lugares de enunciação: a defesa que o poeta faz da vida no campo, onde “o santo sol” torna tudo mais “espontâneo, alegre, tosco, fácilimo, evidente, salutar”, tem como interlocutores implícitos os defensores do implacável processo de seleção que, como sabemos, era a filosofia condutora da triunfante marcha da Europa Industrial.

Anglos-Saxônios, tendes que invejar!  
 Ricos suicidas, comparai convosco!  
 Aqui tudo espontâneo, alegre, toscos,  
 Fácilimo, evidente, salutar!

Oponde às regiões que dão os vinhos  
 Vossos montes de escórias inda quentes!  
 E as febris oficinas estridentes  
 Às nossas tecelagens e moinhos!

E ó condados mineiros! Extensões  
 Carboníferas! Fundas galerias!  
 Fábricas a vapor! Cutelarias!  
 E mecânicas, tristes fiações!

Bem seu que preparais correctamente  
 O aço e a seda, as lâminas e o estofo:  
 Tudo o que há de mais dúctil, de mais fofo,  
 Tudo o que há de mais rijo e resistente!

Mas isso tudo é falso, é maquinal,  
 Sem vida, como um círculo ou um quadrado,  
 Com essa perfeição do fabricado,  
 Sem o ritmo do vivo e do real! (VERDE, 1992, p.172).

Nesta longa composição lírica, é preciso considerar também a presença do utopismo do século XIX, cujas vozes enunciativas podem ser ouvidas quando o poeta apresenta como estratégia de salvação a reintegração no mundo natural do homem urbano e civilizado. Contudo, como bem observou Oscar Lopes a respeito do poeta de “O sentimento dum ocidental”, embora o pensamento utópico oitocentista, perceptível em Antero de Quental, ilumine também a obra de Cesário Verde, “[...] os seus sonhos, as suas aspirações não perdem nunca o contato do senso comum a que reagem às vezes corpo a corpo.” (LOPES, 1967, p.264). A fortaleza agrícola, onde “o santo sol” torna tudo mais “espontâneo, alegre, toscos, fácilimo, evidente, salutar”, é um ideal que não vai além da vontade de preservar o próprio grupo familiar. Apesar da possível interlocução com “a concepção proudhonista de uma sociedade futura em que o mal tivesse sido expulso da face da terra” (MACEDO, 1988, p.48)<sup>6</sup>, a indignação de Cesário Verde diante das “febris oficinas estridentes”,

<sup>6</sup> Helder Macedo (1988, p.48), referindo-se a “Nós”, descobre no poema uma influência das idéias de Proudhon. Para ele, o poema “[...] reforça a concepção proudhonista de uma sociedade futura em que o mal estivesse sido expulso da face da terra.” Apesar das agudas observações de Macedo, é preciso considerar que Cesário Verde nunca questiona a sua posição de proprietário da terra, contrariando uma das mais conhecidas formulações proudhonistas: “toda propriedade é um roubo”.

“fábricas a vapor” e “tristes fiações” não conduz à ruptura com a ordem social que é ideologicamente definidora dos projetos comunitários da época.

Concluindo, podemos dizer que a presença de um fictício sujeito lírico parece converter alguns poemas de Cesário Verde em uma espécie de paródia ou arremedo de discursos alheios. Esse modo de enunciação que, de acordo com as idéias bakhtinianas, é característico da prosa, leva a reconhecer a afinidade da criação poética de Cesário Verde com o romance de sua época. Além disso, a oralidade de sua dicção coloca nosso poeta numa situação fronteira com o discurso prosaico. Jacinto do Prado Coelho (1976, p.198) observou com precisão que Cesário Verde foi o primeiro a levar para dentro do poema “os ruídos, os cheiros e a linguagem das ruas.” Contudo, é preciso considerar ainda que seu dramático debate com a famigerada teoria da seleção de Spencer ou sua silenciosa interlocução com as ideologias comunitárias da época deixam perceber na poesia cesária uma dinâmica de vozes internas que se entrecruzam, se comprovam e se negam: a fala do camponês, o discurso cientificista e o projeto utopista. Esse diálogo aberto ou velado com as idéias de seu tempo pode, num primeiro momento, nos levar a pensar que o sujeito lírico abriu mão da auto-suficiência discursiva. Entretanto, pela perspectiva bakhtiniana, a regularidade dos versos, o seu ritmo marcante, o forte esquema rimático e os paralelismos sintáticos garantem a sobreposição da voz do sujeito lírico sobre as demais e a permanência do poema em seu próprio domínio discursivo.

O movimento de aproximação do discurso prosaico, desencadeado pela primeira geração de poetas do Romantismo português, recebeu decisivo impulso da produção lírica de Cesário Verde que soube, de maneira bastante sensível, ouvir as diferentes vozes sociais de sua época. Como lugar de recepção de diferentes vozes enunciativas e de representação quase paródica de linguagens alheias, o discurso cesário torna-se, dessa maneira, um desafio a uma teoria interpretativa que atua no limite de paradigmas tradicionais. No âmbito do próprio enunciado poético, a sociedade portuguesa, com suas perplexidades e contradições, debate, fala e verbalmente gesticula. Portanto, a aproximação da poesia com a prosa, nunca antes conduzida a tal limite, é uma experiência de linguagem que confere à breve obra de Cesário Verde um lugar decisivo na história da poesia de língua portuguesa. É possível dizer que Cesário Verde conseguiu criar uma voz lírica original, e a tal ponto diferente dos outros de sua época, que “quase toda a poesia moderna, entre nós, depende dele.” (COELHO, 1976, p.195).

DAUD, R. Cesário Verde’s prosaic poetry. *Itinerários*, Araraquara, n. 26, p. 99-107, 2008.

■ **ABSTRACT:** *This essay is about the book O Livro de Cesário Verde (1887). A comparison is made between the author, Cesário Verde (1855-1886), and the most important novelist of his time, Eça de Queirós. Based on these comparisons, we want to demonstrate the specificity of the work of Cesário Verde in relation to the period in which he wrote, pointing out the relationship between the writer's poetry and some aspects of the nineteenth century prose. The research also tries to determine his importance in the formation of the Modern Portuguese poetry.*

■ **KEYWORDS:** *Portuguese literature. Cesário Verde. Modernity.*

## Referências

BAKHTIN, M. Epos e romance. In: \_\_\_\_\_. **Questões de literatura e de estética.** São Paulo: Ed. UNESP, 1998. p.397- 428.

COELHO, J. P. Cesário Verde escritor. In: \_\_\_\_\_. **Problemática da história literária.** Lisboa: Ática, 1986. p.193-198.

\_\_\_\_\_. Cesário Verde, poeta do espaço e da memória. In: \_\_\_\_\_. **Ao contrário de Penélope.** Lisboa: Bertrand, 1976. p.181- 198.

FERREIRA, A. A primavera da Geração de 70. In: \_\_\_\_\_. **Estudos de cultura portuguesa: século XIX.** Lisboa: Moraes, 1979. p.41- 100.

LOPES, O. Cesário, ou do naturalismo ao modernismo. **Vértice,** Coimbra, v. XXVII, n. 284, p. 257-265, maio 1967.

LOURENÇO, E. Os dois Cesários. In: \_\_\_\_\_. **Estudos portugueses.** Lisboa: Difel, 1991. p. 969-986.

MACEDO, H. **O romântico e o feroz.** Lisboa: & Ect., 1988.

MELO NETO, J. C. O sim contra o sim / Serial. In: \_\_\_\_\_. **Poesias completas.** Rio de Janeiro: J. Olympio, 1969. p.58-62.

MENDES, Margarida V. Escrever – sobreviver. In: \_\_\_\_\_. **Poesias de Cesário Verde.** Apresentação, seleção, notas e sugestões da autora. Lisboa: Comunicação, 1979. p.29-65.

MENDES, Murilo. **Convergência.** São Paulo: Duas Cidades, 1985.

MONTEIRO, A. C. Cesário Verde. In: \_\_\_\_\_. **A poesia portuguesa contemporânea.** Lisboa: Sá da Costa, 1977. p.15-34.

TEZZA, C. Poesia. In: \_\_\_\_\_. **Bakhtin: outros conceitos-chave.** São Paulo: Contexto, 2006. p.195-218.

VERDE, C. **Obra completa.** 6.ed. Organizada, prefaciada e anotada por Joel Serrão Lisboa: Livros Horizonte, 1992.

■ ■ ■